

[eds.] Anabela André
Gradim Barata

palavras-
-ensaio um
vocabulário
para a fal

[eds.] Anabela André
Gradim Barata

palavras-
-ensaio um
vocabulário
para a fal

ISBN
978-989-654-881-0 (papel)
978-989-654-883-4 (pdf)
978-989-654-882-7 (epub)

Depósito legal
508576/22

Tiragem
Print-on-demand

Universidade da Beira Interior
Rua Marquês D'Ávila e Bolama
6201-001 Covilhã. Portugal
www.ubi.pt

© 2022, Anabela Gradim e André Barata.
© 2022, Universidade da Beira Interior.
O conteúdo desta obra está protegido por Lei. Qualquer forma de reprodução, distribuição, comunicação pública ou transformação da totalidade ou de parte desta obra carece de expressa autorização dos editores e dos seus autores. Os artigos, bem como a autorização de publicação das imagens, são da exclusiva responsabilidade dos autores.



palavras-ensaio: um vocabulário para a fal

Anabela Gradim e André Barata – eds

Editora LabCom com co-edição Praxis - LusoSofia: Press

Coleção: Livros de Comunicação / Ta Pragmata

Direção: Gisela Gonçalves (LabCom),

José António Domingues e Olivier Féron (Praxis)

Design: Cristina Lopes

Covilhã, 2022

índice

- acusmático** Helder Filipe Gonçalves — 12
- arquivos** Manuela Penafria — 18
- biblioteca** António Fidalgo — 24
- cibercultura** Herlander Elias — 30
- cultura** Urbano Sidoncha — 38
- decolonial** Paulo Cunha — 44
- democracia** Bruno Ferreira Costa — 50
- desenho** Francisco Paiva — 56
- ecrã** Catarina Rodrigues — 62
- emancipação biológica** Patrícia Fernandes — 68
- ensaio 1** José António Domingues — 74
- ensaio 2** Luís Nogueira — 84
- espaço público** João Carlos Correia — 92
- ética** Ana Leonor Morais Santos — 98
- feminismo** Ana Catarina Pereira — 104
- filosofia** André Barata — 110
- forma** José Manuel Santos — 120
- identidade** José Ricardo Carvalheiro — 136
- informação** Paulo Serra — 142
- jornal** Nuno Francisco — 148

linha Mónica Romãozinho — 154
lusofonia Alexandre Luís e Carla Sofia Luís — 160
mestres e discípulos António Bento — 166
metis António Campelo Amaral — 172
migração Maria João Cabrita — 180
moda Catarina G. Moura — 184
paz Luís Filipe Madeira — 190
provocação Luís Herberto — 198
proximidade Pedro Jerónimo — 204
publicidade Eduardo J. M. Camilo — 208
rádio Ricardo Morais — 214
realidade Joana Casteleiro-Pitrez — 218
relações públicas Gisela Gonçalves — 224
sensível Idalina Sidoncha — 230
signo Anabela Gradim — 236
silêncio Tito Cardoso e Cunha — 240
televisão Sónia de Sá — 250
vida José Maria S. Rosa — 260
visualidade Flávio Almeida — 270
webjornalismo João Canavilhas — 276

vida

José
Maria
Silva
Rosa

De que falamos quando falamos de vida?

Da janela da FAL, olhei pela enésima vez a Parada. Nem viva alma. Nem um grito, nem um ruído, nem uma daquelas gargalhadas que às vezes ali irrompiam. O coração da Faculdade não pulsava mais neste lugar. No *omphalós* da UBI, os 'deuses' haviam-se calado e os *genii loci* haviam partido. Granítica, deserta e impassível como nas últimas semanas, desde março de 2020, a Parada continuava ali, indiferente, extática e muda, na irregularidade silenciosa do seu empedrado secular, na retidão do ferro das escadas e dos varandins pintados de *bordeaux*, nas portas fechadas e cortinas corridas, nas paredes brancas e nos telhados escandidos pela luz direta da hora noa. Das três tílias floridas, ao canto, emanava um cheiro intenso, doce, embriagante... Mas onde burburinho? Onde o bulício da Vida? Subitamente um aperto e um sufoco sobem cá dentro, vindos não se sabe de onde. E uma comoção, um abalo, um arrepio diante do absoluto alheamento do mundo e das coisas.

*

É difícil saber exatamente o que queremos exprimir quando dizemos 'vida'. Mais difícil ainda se escrevemos «a Vida» com artigo definido e letra maiúscula, como nos acontece em certos momentos, quando queremos traduzir experiências que pensamos serem transpessoais ou mesmo universais – como a dor, o sofrimento e a morte. É certo que não queremos dizer 'nada'. Pelo contrário: quando dizemos 'a minha vida', 'a tua vida', 'a nossa Vida' queremos com isso dizer alguma coisa importante, concreta, com sentido. Ou mesmo dizer muitas outras coisas – uma perda, a expectativa de um nascimento, uma alegria – que só esse ligame 'vida' parece bem estreitar. Mas que coisas? Porquê a simultânea sensação de desconforto e de vaga não-coincidência, como o se o mais evidente e à mão, e talvez o mais essencial da vida, nos escapasse por entre os dedos logo que pensamos e pronunciamos a palavra?

Espantados como Heraclito de Éfeso perante a corrente do rio Caístro, como Zenão de Eleia ao ver Aquiles a ultrapassar *realmente* a tartaruga, ou ainda Agostinho de Hipona face ao indefinível *tempo* que sentia na alma e sabia estar a passar, reeditamos sem cessar a mesma perplexidade parafraseada: «Que é, pois, a vida? Se não me perguntam, sei. Se me perguntam e quero responder, já não sei.»

Vem a dificuldade a propósito da oportuna incumbência que nos deram de pensar alguns termos significativos, ou que tenhamos por mais significativos, para a Faculdade de Artes e Letras da Universidade da Beira Interior, na celebração dos seus 20 anos de vida (2000 – 2020). Acudiram-nos logo à mente outros vocábulos também muito importantes para a releitura, interpretação e autocompreensão do que fomos ontem e somos hoje como instituição universitária. Por outras palavras: do que fizemos antes, do que fazemos agora e do que queremos fazer amanhã na / da Faculdade: «Comunicação», «Filosofia», «Cultura», «Artes», «Letras», «Cinema», «Design», «Racionalidade», «Humanidades», «Unidade», «Verdade», «Beleza», «Bondade» – ramalhete entre tantos possíveis e não menos significativos. Mas a evidência inexplicável da «Vida» impôs-se-nos logo de uma forma singular, e talvez por antítese, diante de uma Parada sem estudantes, vazia, sem pessoas, sem movimento – mesmo quando insistíamos em afastá-la do pensamento.

Consentimos, enfim, com a força da injunção. Mas a verdade é que agora não sabemos bem o que dizer, *de que* falar. De facto, há algo de muito 'banal' na vida. «É a vida!», costuma dizer-se quando outros termos nos falham e, em simples regime de (auto)consolação, parece não encontrarmos mais nada à mão. Mas tal 'banalidade' não é, talvez, nada banal. Mesmo que para o Poeta ela, «a Vida», não seja senão «aquilo que nós chamamos com distração infinita (e acaso sábia) o nosso *eu*, o eu dos outros.» (E. Lourenço, *Poesia e Metafísica*, p. 164). Basta pararmos um momento ou mais que isso – como por ora nos tem acontecido por razão do vírus da Covid 19 –, para compreendermos que a vida não é rigorosamente nada trivial, nada distraída, nada vulgar, bem pelo contrário:

é que há de mais essencial e atento. Só que há nela uma espécie de *pu-dor* originário ou estrutura de auto-ocultamento, digamos assim, que se furta a toda a curiosidade *voyeur*, e que só se nos mostra escondendo-se e se nos esconde revelando-se. E assim, paradoxalmente, revela-se-nos por antítese gritante diante de uma Parada inteiramente despovoada, silenciada – vida outrora tão ‘batida’ nas conversas, risos e falas de quem por ali estava ou passava. Porque será que a *nossa* Vida parece jogar às escondidas connosco?

Há, de facto, um estofa exterior da vida que pode ser referido, embora inadequadamente, através de descrições em qualquer pessoa e tempo verbal, especialmente na 3ª do presente do indicativo. Tanto nas pessoas concretas, singulares, como nas instituições e coletividades. Temos marcas no espaço e no tempo, temos processos que, desse indicativo, não podemos ignorar. Por exemplo, que a Faculdade de Artes e Letras nasceu, i.e., entrou em funcionamento no dia 1 de setembro do ano 2000, há 20 anos atrás. É uma data exata a que correspondem certas memórias e factos certificáveis no espaço-tempo: a afetação de instalações, espaços, gabinetes, salas de aula, etc., no edifício em torno da Parada; a vinda de professores, da secretária, a Dra. Mércia Pires, de alunos, a deslocação de objetos, de apetrechos, de processos, papéis, etc.. Numa palavra: houve movimentos exteriores atestáveis. Mas terão sido só exteriores? Terá sido só *agitação*? Pode haver vida *no exterior*? Seremos apenas *autómatos* falantes? Questões que ficam.

Como se sabe, uma das notas mais antigas para indicar a presença de ‘vida’ era justamente dada pela existência de ‘movimento’. Mais exatamente: se uma realidade se movimentava por si mesma (se era *automóvel*) dizia-se que tinha vida (*psýkhê-anima*, no começo ligada ao bafo e à sístole-diástole dos movimentos cardiorrespiratórios) nos Poemas homéricos. Acrescentavam-se logo de seguida as capacidades de nutrição e de reprodução, pelo menos no horizonte do pensamento clássico, platónico e aristotélico. É claro que, para a filosofia antiga, o movimento se podia dizer de muitos modos: *local* ou cinético, quando algo muda de

lugar por si mesmo: autolocomoção, como já se disse; *essencial*, como quando, v.g., uma bolota lançada à terra ‘morre’ (corrupção) para depois se tornar num frondoso carvalho (geração); movimento *qualitativo*, como quando as folhas verdes do verão dão lugar às folhas amarelas do outono; ou ainda *quantitativo* quando acontece a uma qualquer quantidade aumentar ou diminuir. Deste modo, na locomoção, na alimentação e na reprodução teríamos uma espécie de ‘trindade original da vida’, acessível uma fenomenologia objetiva, historiológica, aquela que visa dar conta dos fenómenos tal como eles nos aparecem e se nos dão no horizonte do mundo e do pensamento.

Deste modo e por esta via, parece que poderíamos responder facilmente à pergunta sobre a ‘vida da Faculdade’ ao longo dos últimos 20 anos. Bastaria um grande Relatório. Ou somar os sucessivos *relatórios de atividades* ao longo dos anos. E prontamente enumerar o manifesto crescimento dos alunos que entraram na FAL e dos alunos diplomados que dela saíram (licenciados, mestres, doutores – que rondam neste momento os quatro mil graduados e pós-graduados), o aumento dos cursos e dos ciclos de estudos, a entrada de mais e mais professores (mas as cerca de 1700 pessoas entre alunos, docentes, funcionários e investigadores, neste momento, constituirão uma ‘comunidade de vida e estudo’, uma *congregatio magistrorum et scholarium?*), a recente criação, em 2019, de mais um Departamento, o de Artes, as Unidades de Investigação, os projetos de investigação apresentados e aprovados, o crescente número de publicações científicas, etc., etc., para, supostamente, darmos conta dessa dita ‘vida’. E além disso, deveríamos acrescentar depois as marcas no calendário: as aulas, os dias, os meses, uns semestres que findam e outros semestres que começam, as efemérides, as rotinas ano após ano, as frequências, os exames, os processos académicos, órgãos, reuniões, atas, requerimentos, provas, concursos, eleições, papeladas... E do mesmo modo determinar bem o ‘santuário’ cujo *umbigo* é a Parada: descrever os espaços, as salas de aula, os laboratórios, os gabinetes, os corredores, os bares, o Jardim das Tílias... Mas será que através do elenco de todos

estes dados objetivos, quantificáveis, mensuráveis teríamos respondido à pergunta? Não se assemelharia tal resposta apenas a uma galeria de ‘fotogramas parados’, sem relação nem movimento entre si, mera coleção discreta de fotos a preto e branco? Uma Parada ‘parada’ e vazia, afinal de contas? Como poderia a Vida residir aí senão ilusoriamente? Uma Faculdade não é um somatório de partes: esse era o sonho de Frankenstein – mas a junção discreta de partes em vez de vida cria monstros. Por onde anda, então, a nossa *psýkhê* – essa ‘ágil borboleta’ e a respiração vital da Faculdade? Mais: serão estas questões *realmente* importantes para a Faculdade de Artes e Letras, 20 anos volvidos da sua entrada em funcionamento? Cremos bem que sim.

Mas para responder precisamos de uma diferente ‘fenomenologia da vida’, agora declinada em genitivo subjetivo. Não do que *dizemos dela*, mas o modo como ela própria *se diz* em nós, por nós e conosco. E isto demanda um desvio essencial. Passar de objetos e de processos exteriores facilmente sindicáveis e assinaláveis como *coisas*, para as subjetividades e ipseidades em presença que, *por aqui*, narrativamente, se foram interpretando, enriquecendo e construindo. É, pois, para subjetividade real das pessoas vivas e singulares que nos temos de virar. Não para uma subjetividade transcendental vazia. Nesta, como se sabe, o *espaço* e o *tempo* eram chamadas formas *a priori* da sensibilidade (a fim de reunirem o diverso das nossas impressões sensíveis) e ainda *intuições puras*, as quais em ordem ao projeto de uma ciência universal, necessária e objetiva, se apresentavam como fenômenos isentos de qualquer ‘material empírico’ em ordem à síntese judicativa (entre categorias puras do entendimento e as formas *a priori* da sensibilidade), possibilitando deste modo os famosos juízos sintéticos *a priori*. E assim se dava conta da possibilidade da experiência em geral. A arquitetônica da Razão Pura ficou perfeita; o edifício, acabado. Mas *quem* o habita? Onde o ‘vale fértil da experiência singular’? – Pois a Parada continua terrivelmente limpa, vazia, imperturbável e imaculada na luz a pique das 3 horas da tarde.

Ora para aquela outra fenomenologia inversa, que procura a vida não lá fora, mas onde ela se manifesta como pura afeção de si própria – na subjetividade radical dos viventes que se *saboreiam* vivos – é ela própria, a Vida (não o espaço e o tempo) a intuição mais originária, sem resto nem sombra de espectador exterior. Porque é experiência pura de si mesma, no *Je peux*, na evidência desarmante dos seus poderes e das suas auto-afeções –, na alegria e na tristeza, nos gostos e aversões, nos consolos e aflições, no desespero e na esperança – vividas de modo radicalmente imanente e subjetivo, na *carne*, no *abraço* mais íntimo de si consigo próprio. Quem por estes dias, na solidão radical de si mesmo – por outras palavras: na noite escura do seu sofrimento – não experienciou o medo, a tragédia, mas também a generosidade e a dádiva? Quem, por estes dias obrigado uma horrível assepsia, não chorou a ausência dos seus alunos (colegas houve a quem isso aconteceu *realmente*)? E quantos, no *pathos* de uma distância para nós inimaginável, não prantearam a partida de entes queridos sem a possibilidade de um último beijo ou de um afago, de um luto digno? Esses que não puderam *cuidar dos seus mortos* e prestar-lhes os imemoriais ritos de passagem, esses não duvidam, nem por um segundo, da realidade e da primazia absolutamente insofismável da Vida em si mesma, fenomenalidade antiquíssima (como a *Noite* de Pascoaes ou de Pessoa) anterior a todos os outros fenómenos que se nos dão no horizonte do mundo.

É assim o *mundo da Vida*, que não a neutralidade vazia e assética de um espaço e de um tempo de todos e de ninguém, o *a priori* mais radical de toda a experiência humana possível, porque a vida é a intuição originária de si mesma, que se experiencia e *prova a si própria* (às vezes amargamente outras em júbilo), mas não se pode demonstrar a ninguém. Nem mesmo com a distraída e desalentada tautologia: «é a vida!» E daí decorre algo também abissal: a possibilidade de uma vida oca, às avessas. Uma cultura inculta. Uma ciência sem consciência. Uma Faculdade sem alma. Sem moralismo estéreis, sabemos bem como as instituições nos podem ‘sugar a vida’, ‘desapossar-nos’, deixar-nos sem coluna vertebral

nem interioridade – e vice-versa: nos gestos concretos e no rosto acolhedor e aberto que cada um de nós pode ser para os outros, joga-se também a presença e a hospitalidade de uma Casa como tal. Claro que é difícil, talvez mesmo impraticável, fazer uma *Gemeinschaft* de 1700 pessoas... Mas o *mundo da vida* é um mundo para todos. O *Lebenswelt*, diz-nos Husserl em *Die Krisis...*, compreende o universo social partilhado, as *práticas* humanas, a linguagem, os símbolos, a cultura, as instituições. Não obstante, há nela uma ambiguidade muito funda, como os anos que se seguiram à morte de Husserl bem demonstraram. Donde também a possibilidade da mentira, do fingimento, da crueldade, da barbárie – o inferno de um *espeilhismo* sem fim que algumas sabedorias apelam simplesmente *diabolê*. Assim, se em conjunto não cuidarmos da nossa *vida* – da *nossa Rosa*, diria o Príncipezinho – arriscamo-nos a ser uma *Parada eternamente vazia*, a tornar-nos ventríloquos de coisas alheias, autómatos ‘espirituais’, repetindo fórmulas, ecos longínquos, ‘robertos’ dentro de uma caverna, representantes de representações, caçadores de 5ª-feira “três pontos afastados da realidade”!

A Vida real *da* Faculdade – *a dela*, genitivo subjetivo – não se pode, portanto, dar a ver a partir de fora, dos números, dos que entram e dos que saem, das estatísticas, dos processos, dos GDUBIs e SIGUBIs, dos papéis e das pedras – pombalinas que sejam! Não porque, como os cataros e os maniqueus, recusemos a materialidade das coisas. Muito pelo contrário: noutra ordem de razões, de facto, a matéria é santa e os blocos granito na Parada são também uma ‘biblioteca’ e ‘vivos ali estão’, dando realmente lições eloquentes *de Vida* a quem os souber ler e escutar (como no *Poema da Pedra Lioz* de Gedeão). Ei-los autênticos gritos mudos que nos chegam do fundo dos séculos. Que o digam os canteiros que primeiro os escavaram, talharam e retiraram da pedreira – e os que nela morreram; e os que depois os assentaram no Castelo da Covilhã e, caído este, os operários que com eles construíram a Real Fábrica dos Panos. E ainda os militares aqui aquartelados que em manhãs de geada formaram e ‘encheram’ em cima deles; e os tingidores suados no labor da cor à volta das tinas; e as

muitas crianças órfãs acolhidas durante décadas na ala superior esquerda da Parada. E que o digam ainda os alunos e as alunas nas angústias e alegrias das provas, dos exames e das praxes. E os docentes em regime precário... Mas nessa altura é porque as *pedras já se transformaram* para nós *em pão* e *em livro*: realmente e não em metáfora. De fora, em relação à Vida real da Faculdade talvez pouco ou nada se possa dizer. A vida não é para ser pensada, mas para viver. E as instituições também têm a sua *carne senciente*, o seu «*étouffe intérieur*». Para tal vida só se pode formular um convite: *vinde e vede*. Para que cada encontro entre pessoas possa ser sempre, e de novo por inteiro, a celebração e a sagração da Faculdade.

★

Quando ainda andava na Escola Primária, lá pelos 9-10 anos, num terreno que tínhamos chamado 'Horta de Cima', e onde havia muitos poe-jos, o meu Pai, Cesário Rosa iniciou-me na arte de plantar ou 'fazer' uma vinha: a enxertia e a mergulhia. A primeira requer bachelos bravos (ou 'ca-valos') e nela diziam, mais tarde, que *eu não era mau de todo*: 'tinha sorte', o que era uma forma de reconhecerem em mim alguma habilidade para o enxerto. Mas era a segunda – a mergulhia – que mais enchia de espanto o meu coração de menino. Consistia ela em descascar ligeiramente uma vide da videira-mãe, depois dobrá-la e enterrá-la bem fundo no solo, num rego, deixando-a aí um tempo a ganhar raízes. Depois, passados um-dois anos, quando o raizame na parte enterrada já estava bem forte e desenvolvido, cortava-se a vide que fazia a ligação ao tronco principal. E eis uma nova videira na vinha! Mas o meu alvoroço de criança não conseguia vê-la nem pensá-la como uma 'nova videira'. Recusava-lhe sem saber o princípio da individuação. Nela eu via ainda a vida da primeira cepa, que agora se multiplicara noutras e se propagara como um fogo pelo terreno, continuando a progredir até encher o cômodo e fazer a vinha inteira: uma e única vida em comum (*koinonía*). Creio que foi aqui que pela primeira vez «toquei a Vida na sua fulgurância nua» (E. Lourenço, *Poesia e Metafísica*, p. 30). Várias vezes depois fiz mergulhias; e não só em videi-

ras. Nelas não era preciso ter tanta 'sorte'; apenas mais paciência. E ainda hoje consigo recuperar, mesmo que parcialmente, esse maravilhamento original perante o *mysterium* da Vida a pujar naquelas cepas e renovos. A vida não se deixa dividir às fatias, nem sequer do ponto de vista *biológico*, quanto mais do *biográfico* ou *espiritual*. Estamos a acabar de escrever este texto nos primeiros dias dezembro de 2020. Entre o princípio e fim demorámos muito tempo, meses... O tempo parece ter sido suspenso, ter estado parado. A medo, a Parada começou de novo a ganhar movimento. Já se ouvem vozes por detrás desta janela. Há novas promessas no ar. [p.s.- em 2021 voltámos a confinar e a desconfinar, aos ~~soluções~~ ^{soluços}...] Talvez a Vida da Faculdade tenha alguma coisa a ver com o trabalho e a criação de uma Vinha. Enxertias, mergulhias, vides, poda, estacas, curas, cachos, colheitas.... Só é preciso que ela se nos pegue como um fogo.

Com este volume, investigadores do *LabCom - Comunicação e Artes* e do *Praxis - Centro de Filosofia, Política e Cultura* propõem um *Vocabulário para a FAL*, palavras desenvolvidas na forma de pequenos ensaios, com que se retratam e agenciam interesses de investigação a partir da experiência vivida de uma comunidade de investigação. Uma Faculdade de Artes e Letras é também o lugar do quotidiano íntimo de palavras que nos movem o pensamento, a paixão intelectual, a vontade de sentido e da sua partilha, ao longo de uma vida de investigação e ensino. Este livro fala dessa intimidade vocabular de que a FAL se faz casa.